

Renata Amaral

Música na escola

A cultura tradicional é material essencial de formação do brasileiro, e matéria-prima para uma criação artística universal. Produzidas muitas vezes em situações de conflito, miséria e exclusão social, é assombrosa a força criativa e a sofisticação estética dessas manifestações. Indissociáveis, dança, música, poesia, teatro e *design* exercem papel fundamental na organização das relações sociais e na formação ética dessas comunidades, sendo material consagrado de formação musical, corporal e social do indivíduo, e ferramenta de reflexão e afirmação de sua identidade.

É arte contemporânea, que acontece hoje, vigorosa, e não por um impulso preservacionista mas sim, por gosto, identificação, devoção. Feita à margem da mídia, das oficialidades, dos modelos estéticos vigentes, são as manifestações através das quais o povo brasileiro veicula e harmoniza sua vocação artística, sua corporalidade, sua espiritualidade, permitindo aos brincantes exercerem seus talentos de músicos, dançarinos, *designers*, cantores excelentes que são.

Cantado por seus mestres geração após geração, este repertório se funde, se adapta, se particulariza, e tem como resultado intrínseco uma surpreendente elaboração estética. São *hits* atemporais, filtrados pelo tempo, esculpidos pela memória. São melodias e ritmos matrizes da nossa música urbana, e por terem influenciado significativamente a formação de gêneros como o samba, o forró e outros, são facilmente assimilados, e através da memória coletiva acessamos referências nas quais reconhecemos nossa identidade cultural.

Nos últimos 10 ou 15 anos, assistimos ao crescimento do interesse de diversos segmentos da sociedade pelas tradições populares, o surgimento de políticas e editais públicos ligados à memória, ao entendimento do patrimônio imaterial e à valorização dessa identidade como moeda de troca na dita globalização. Este interesse trouxe também mudanças nestas comunidades, que ao gravarem CDs e DVDs, realizarem turnês, se tornarem Pontos de Cultura, ganham protagonismo e recriam suas estruturas internas.

No entanto, apesar da profusão de registros disponíveis hoje, esse enorme patrimônio artístico ainda é predominantemente conservado pela oralidade. A memória é arma poderosa de resistência e instrumento de criação, e a tradição oral traz um outro comprometimento com a memória, desenvolvendo mecanismos que guardam arquivos inteiros e os correlacionam, ao invés dos *links* que aprendemos a reter com a alfabetização, e este aprendizado baseado no exercício mnemônico permite acessar outras ferramentas para a composição e o improviso. Mnemósine, deusa grega que é a personificação da Memória, não por acaso é a mãe das Musas.

Apesar disso, esse procedimento precioso se fragiliza diante da dificuldade em se organizar didaticamente este material para que se comece a estabelecer formalmente uma escola de música brasileira. Há uma enorme lacuna na produção de material para o ensino da música no Brasil. O estudo formal nas escolas de música, conservatórios e universidades brasileiras se dá majoritariamente através de métodos das escolas erudita e jazzística, exemplarmente organizadas didaticamente há décadas, o que muitas vezes fomenta um preconceito etnocêntrico a respeito das tradições populares, limitando a capacitação crítica e estética de público e artistas.

É possível formar instrumentistas, compositores e intérpretes de altíssimo nível usando como material de estudo a música brasileira, que dispõe, em seus inúmeros gêneros, de todos os elementos necessários à formação técnica e artística de um músico universal. Os sopros virtuosos do frevo, as cordas do choro, as infindáveis variações formais do coco, as melodias polimodais e as polirritmias sofisticadíssimas da percussão do Bumba Boi e outras tradições afro brasileiras são exemplos da enorme exigência de organização corporal e inteligência musical desses artistas.

As possibilidades para a arte educação são imensas. Não só permitem uma formação integral e um alto nível de experimentação, pois invariavelmente reúnem várias artes – música, dança, teatro, poesia, *design* – mas também trazem um potencial enorme de transdisciplinaridade. Seu repertório poético e musical, seus personagens e indumentárias, refletem as influências étnicas, o meio ambiente e o modo de vida das comunidades que as cultivam, e podem se relacionar com outras disciplinas da grade curricular.

Formas mais simples de improvisação poética como as do Tambor de Crioula maranhense, do Jongô paulista ou de diversos cocos nordestinos poderiam ser um divertido exercício de português.

Cantigas como:

- *Mariquinha da beira do Igarapé* ou *Eu plantei mangueiro em terra / amendoeira no Mangal*, do carimbó paraense;
- *No sertão tem Parari / tem rola branca, tem Juruti* ou *O meu bombo é gemedor / é do bojo da macaíba*, do coco Pernambucano;
- *Ô pisa no massapê escorrega / quem não sabe andar leva queda*, da ciranda Paraibana;
- *Ô Canoeiro que rema a canoa, é no tombo é na proa é nas ondas do mar*, do coco Alagoano,

se relacionam diretamente com conteúdos de geografia e biologia, outras como:

- *A usina Santa Helena de grande chega a gemer*
- *De dia pra cortar cana de noite para moer*, do Zambê potiguar;
- *O cocar é minha casa, a maraca é meu coração*, do Toré do povo Kariri Xocó (AL);
- *No meu tempo de cativo, nego apanhava do senhor*, do Jongô Paulista;
- *O meu nobre Imperador / essa vai a seu louvor*, do Divino Maranhense,

se prestam a contextualizações históricas e políticas, assim como vários momentos históricos podem ser apreendidos ludicamente e de forma mais efetiva através de autos dramáticos, como das cheganças de marujos, Barcas e Naus catarinetas, que reproduzem episódios das navegações ibéricas, as cheganças de mouros e ticumbis, que relembram as Cruzadas e as lutas entre cristãos e mouros, e as Congadas, Moçambiques e Maracatus, que recriam as cortes dos Reis de Congo.

Outros autos como o Bumba Boi maranhense, o Reisado Cearense, o Cavalo Marinho pernambucano e os cordões de pássaros do Pará, são exemplos da miscigenação e do imaginário fantástico da cultura brasileira, sem falar no complexo universo mitológico das tradições afro religiosas.

É preciso ainda dizer que estes gêneros propiciam uma profunda experiência da construção coletiva. Além da dinâmica da roda, predominante na maioria deles, e da variedade de instrumentos, personagens e coreografias que possibilitam pessoas de várias idades e níveis de habilidade tocarem juntas, esta construção se reflete muitas vezes inclusive na elaboração estética da música, nas formas responsoriais e nas rítmicas complementares.

Enfim, os gêneros de nossa cultura tradicional são um patrimônio de valor incalculável. De enorme sofisticação e poderosa força criativa, cada brasileiro que se depara com essas manifestações experimenta inevitavelmente uma redescoberta da própria identidade cultural, social e política. Numa sociedade em que o espaço comunitário é cada vez mais escasso e fragmentado, esses gêneros são capazes de “revelar o Brasil aos brasileiros”, e serem, sem dúvida um dos mais preciosos instrumentos para o ensino de música nas escolas.

*Porque ninguém negará que em Arte não está implicada
apenas a manifestação da Beleza, mas a complexidade da vida.*

Mário de Andrade

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Vida do cantador*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Villa Rica, 1993.

_____. *Danças dramáticas brasileiras*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. Tomos 1, 2 e 3.

_____. *Música de feitiçaria do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

_____. *Os cocos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1984.

_____. *Melodias do boi e outras peças*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

_____. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins, 1962. Obras Completas de Mário de Andrade, v.6.